

Sarney afirma que Nação vence primeiros desafios

Duas palavras — "felizmente, vencemos" — resumem a avaliação que o presidente José Sarney fez, ontem, do primeiro ano da Nova República, no programa "Conversa ao pé do Rádio", transmitido semanalmente, às 6 horas, por uma cadeia facultativa de emissora. Em tom emocionado, Sarney lembrou as circunstâncias que o levaram à Presidência da República, a situação que encontrou o País e o caminho percorrido para reverter o pessimismo dos brasileiros.

Produção

"Deixamos para trás desgraças, como a correção monetária; o cruzeiro, desmoralizado pelas desvalorizações e pelas remarcações. Temos novas tarefas. Ao entrarmos no segundo ano, quero convocar o povo para uma outra batalha, a da produção. Com moeda estabilizada, é a hora do trabalho e da produção", disse ele.

O presidente fixou o segundo ano de sua gestão com o início de uma nova etapa para o Brasil: "Com a inflação, a vantagem era dos especuladores. Agora é a vez do trabalhador; a vez dos lucros sólidos. Ganha mais quem produz e vende por melhores preços; é a vez da competência; é a vez da produtividade". Também insistiu que as mudanças só se tornaram positivas porque "o Governo e o povo deixaram de ser coisas diversas, mas expressões de um único desejo". E convocou os brasileiros para celebrar a data de hoje com a deflagração da batalha da produção, da valorização do trabalho, dos investimentos que criem oportunidades de emprego para todos.

— "Não vamos permitir que a covardia, a tibieza ou a desconfiança criem qualquer nostalgia dos tempos da inflação. A inflação, todos sabem, era o mal, era enganosa. Era enganosa à prosperidade que ela insinuava. Sem inflação vamos ter mais desenvolvimento; mais empregos, melhores preços e mais lucros", destacou. Indiretamente, criticou os especuladores, que ignoravam que lucrar produzindo mais é melhor.

A íntegra

Eis a íntegra do pronunciamento do presidente José Sarney, ontem, no programa "Conversa ao Pé do Rádio":

"Amanhã, dia 15 de março, faz um ano que o destino me entregou esta tarefa difícil. Daquele dia marcado pela tragédia que nos levou Tancredo Neves, cuja memória reverencio, até hoje, vivemos todas as dificuldades. Mas, felizmente, vencemos. Deixamos para trás o medo e a violência. Hoje reina a liberdade neste País. Deixamos para trás a desconfiança e a dúvida, que faziam os brasileiros não saber o que os esperava no dia seguinte; deixamos para trás o desemprego, já que foram criados mais de 1 milhão e meio de oportunidades de trabalho. Deixamos para trás o ódio que separava os brasileiros. Neste País, ninguém é discriminado por motivos políticos, ideológicos, religiosos, econômico-sociais ou profissionais. Desde aquela manhã incerta de 15 de março de 1985, em que deixei a minha casa, para, como vice-presidente, assumir o Governo da República, passados 12 meses, confesso que surgiu um País de novos e de grandes desafios.

"O governo e o povo deixaram de ser coisas diversas, mas expressões de um único desejo. Neste momento, passados apenas 15 dias do lançamento do programa de eliminação radical da inflação, com o congelamento de preços, que só foi possível porque o povo assumiu a determinação e a fiscalização, podemos dizer que deixamos para trás, também, a inflação. Deixamos para trás desgraças, como a correção monetária; deixamos para trás o cruzeiro, desmoralizado pelas desvalorizações e pelas remarcações. Temos novas tarefas. Ao entrarmos no segundo ano, quero convocar o povo para uma outra batalha, a batalha da produção. Com a moeda estabilizada é a hora do trabalho e da produção.

"Com a inflação, a vantagem era dos especuladores. Agora é a vez do trabalhador; a vez dos lucros sólidos e ganha mais quem produz e vende por melhores preços; é a vez da competência; é a vez da produtividade.

Convoco, portanto, brasileiras e brasileiros, para celebrarmos esta data com a deflagração da batalha da produção, da valorização do trabalho, dos investimentos que criem oportunidade de emprego para os trabalhadores brasileiros. Não vamos permitir que a covardia, a tibieza ou a desconfiança criem qualquer nostalgia dos tempos da inflação. A inflação, todos sabem, era o mal, era enganosa. Era enganosa à prosperidade que ela insinuava. Sem inflação vamos ter mais desenvolvimento; mais empregos, melhores preços e mais lucros. Lucrar produzindo mais é melhor e, certamente, mais correto do que lucrar vendendo menos e mais caro.

"Não comemoramos aniversários. Fazemos, apenas, hoje, um registro da data, porque todos sabem, e eu tenho dito, que o governo não é uma festa, e um mutirão de trabalho.

A todos a minha palavra é não esmorecer. Os fiscais do presidente continuam mobilizados. O Brasil precisa de todos nós. Agora, nos podemos saber a verdade daquela frase de que não se deve perguntar o que o País pode fazer por nós, mas o que nós podemos fazer pelo País. E o povo brasileiro está fazendo história.



Sarney assume a Presidência com o ministério formado e escolhido por Tancredo Neves



E volta com toda a carga, este ano, com sua própria equipe. Escolhida por critérios pessoais

Nova equipe, um ano depois

Menos de um ano separam essas duas fotos. E são muitas as diferenças. Na foto de 85, tão pouco afinado estava com seu próprio Ministério, que o Presidente da República nem esperou acabar a sessão de fotos e já se preparava para sair. Fernando Lyra já olhava para um rumo diferente e Aureliano não precisava de muletas. Brossard estava no fundo, longe do presidente. Tudo isso é passado e a nova foto, o novo gabinete está alinhado ao lado do



presidente, que não demonstrava nenhuma pressa.

Com uma pessoa a mais, o Ministro da Irrigação, a foto

oficial de 86 se presta a muitas interpretações. Pazzianotto, pouco antes do pacote econômico tenta despertar o nó da gravata, Maciel domina a cena, no último degrau, Abreu Sodré torce o dedo e Brossard, já na primeira linha, se mantém empertigado, Antonio Carlos Magalhães perdeu o sorriso da primeira foto, quando estava ao lado de Waldir Pires, antes da campanha desse ano e Celso Furtado, diferente de seu antecessor, não sorrir.

De suplente do PDS a presidente da República

Memélia Moreira

Braços levantados, uma mecha desobediente na cabeça e com a faixa azul, vermelha e branca no peito, o novo governador saudou o povo anunciando o fim do "vitorinismo" no Maranhão. Era 31 de janeiro de 1966, e ele, aos 35 anos de idade, deixou a avenida Pedro II, onde fica a sede do governo maranhense, em festa. Esse foi o dia mais importante na vida política do cidadão José de Ribamar Araújo Costa, o presidente José Sarney.

Três de outubro de 85, longe da "Ilha Rebelde" (o orgulhoso título de São Luís), em pleno planalto goiano, depois de um longo dia de audiências, dentro do Landau, pelo telefone móvel, o Presidente chama o capelão do Palácio da Alvorada. Era fim de tarde ele queria comemorar, com uma missa, a vitória obtida nas urnas, 20 anos antes, em outubro de 65, quando venceu o candidato da dobradinha PSD-PTB, apoiado por um dos maiores caciques políticos do Maranhão, o pernambucano Vitorino Freire, que lançará ao Governo o hoje ministro de Ciência e Tecnologia, Renato Archer. E, para os amigos, depois da missa, o presidente Sarney confidenciou: a vitória de 65 foi a mais importante de sua vida, quando fez uma campanha apaixonada e se sentiu realizado.

Hoje, há um ano atrás, ele passou a noite acordado e chegou ao Congresso "com olhos de ontem", contou um de seus assessores. Nesse ano de governo, o presidente José Sarney viveu emoções fortes. A posse, em condições inusitadas, no 15 de março, o domingo de 21 de abril, quando o telefone direto entre o Palácio da Alvorada e o Instituto do Coração em São Paulo transmitia a angústia dos últimos sinais de resistência do presidente Tancredo Neves e em setembro, na cidade de Nova Iorque, após o pronunciamento

na abertura da reunião anual da ONU.

A repercussão do discurso lembrou-lhe um poeta que foi seu assessor: Bandeira Tribuzi, um homem de esquerda, preso em 64 e levado para o Palácio



Do álbum de família

dos Leões por Sarney. "Ese não és, sendo e não sendo, surges para ser ou não ser o que serás", dizia Tribuzi, o poeta de voz mansa e lentes pesadas.

Aposta na prudência

O presidente Sarney é homem de hábitos moderados. Bebe pouco, não fuma e seria incapaz de dar o famoso "soco na mesa". Durante onze meses governou com ministros que não eram seus. Administrou os momentos de absoluta desarmonia conciliando as divergências. E seu assessor especial, Edson Vidigal, define o presidente da seguinte forma: "Joga no tempo, aposta na prudência e prefere a conciliação". E por isso, logo após a entrevista do ex-líder do Governo, senador Fernando Henrique Cardoso, deu a seguinte orientação: ninguém deve comentar o episódio.

Ele começou sua carreira política como secretário do governador Eugênio de Barros e, nas eleições de 54, concorren-

do pelo PSD, chegou à sexta suplência para a Câmara dos Deputados. Do PSD para a UDN foi um passo pequeno e o presidente Sarney não hesitou em dar esse passo, elegendo-se deputado federal em 58, 62 e governador em 65 para, em junho de 84 renunciar à presidência do PDS e concorrer na chapa de Tancredo Neves.

Para os analistas de seu governo, os assessores da Presidência, o primeiro ano de Sarney foi marcado pela intensa participação da sociedade. Primeiro, as grandes reuniões na Granja do Trabalho, com empresários, trabalhadores, economistas. Depois disso, as exigências. Sarney reivindicava de cada colaborador duas qualidades: eficiência e apresentação de múltipla escolha para a solução dos problemas, porque detesta ter apenas uma alternativa nas mãos. E ouviu todas as opiniões.

Na área econômica além do pacote de estabilidade econômica, que mantém o índice de Popularidade do Presidente em alta há duas semanas, Sarney baixou os juros e afastou os fiscais do FMI que, há pouco mais de um ano, vinham frequentemente vasculhar as gavetas da Esplanada dos Ministérios e Praça dos Três Poderes.

Outra medida econômica de repercussão social foi a decisão de implantar o Plano Nacional de Reforma Agrária que, até agora, já desapropriou mais de 300 mil hectares de terra em todo o País. Criou as campanhas de alimentação popular, nas creches e leite para as crianças, além da campanha de medicamentos gratuitos.

Ele marcou também no seu curriculum vitae presidencial a convocação da Assembleia Constituinte, legalização de partidos comunistas clandestinos, voto do analfabeto e eleições para prefeito nas capitais.